

MOTIVAÇÃO DOS PRATICANTES DE FUTSAL UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO DESCRITIVORogério da Cunha Voser¹José Augusto Evangelho Hernandez²Patricia Eloí Gomes Voser³Tháisa Arêdes Rodrigues¹**RESUMO**

Esta pesquisa objetivou identificar os motivos que levam os estudantes universitários, participantes da 35ª edição dos Jogos Universitários Gaúchos (JUGs), à prática do futsal. Participaram 185 estudantes de ambos os sexos, com idades entre 17 e 35 anos. Utilizou-se o *Participation Motivation Questionnaire* de Gill, Gross e Huddleston (1983), na versão Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE), adaptação brasileira feita por Barroso (2007). Os resultados indicaram que, para os homens, saúde e a afiliação são os motivos mais importantes e para as mulheres, saúde e o aperfeiçoamento técnico. Além disso, não foi revelada nenhuma relação estatística significativa entre os motivos para a prática do esporte e o sexo e a idade dos praticantes.

Palavras-chave: Motivação. Esporte Universitário. Futsal.

ABSTRACT

Motivation of university futsal practitioners: a descriptive study

This research aims to identify the reasons why college students, participating in the 35th edition of The Gauchos University Games (JUGs), were interested in the practice of futsal. The sample consisted of 185 students, aged between 17 and 35 years old. The instrument used was the "Scale Motives for Sport Practice" (EMPE), consisted of 33 questions and validated by Barroso (2007) for the Brazilian population. The data showed that for men the health and affiliation factors are the most important ones to the practice of futsal, while for women, health and technical enhancement factors occupy such position. The comparison of the mean scores of the reasons for the practice of sport among sexes and age of practitioners revealed no statistically significant difference.

Key words: Motivation. University Sport. Futsal.

E-mail dos autores:

rogerio.voser@ufrgs.br

hernandez.uerj@gmail.com

patriciavoser@gmail.com

tata.aredes88@gmail.com

Endereço para correspondência

Rogério da Cunha Voser.

Av. Túlio de Rose, 260 ap. 801 Torre A.

Bairro Passo D' Areia.

Porto Alegre - Rio Grande do Sul.

CEP: 91340-110.

1-ESEFID/UFRGS, Brasil.

2-UERJ, Brasil.

3-Faculdades Integradas São Judas Tadeu, Brasil.

INTRODUÇÃO

O esporte universitário no Brasil, assim como outras manifestações do esporte na sociedade já era praticado em suas instituições muito antes do poder público vir a regulamentá-lo (Mezzadri, 2000).

Borges e Buonicore (2007) trazem que o marco inicial da história do esporte educacional no Brasil remete ao ano de 1916, período em que são realizadas disputas envolvendo universitários de Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1935 ocorre a primeira competição envolvendo outros estados: Minas Gerais, Paraná, Bahia, o antigo Distrito Federal (Guanabara), além de Rio de Janeiro e São Paulo.

Os mesmos autores ainda relatam que no período compreendido entre 1935 e os dias de hoje, ocorreram várias alterações nas leis que regem os desportos e na própria Constituição, tendo sido criado, inclusive, um ministério que trata exclusivamente de questões ligadas aos esportes (Ministério dos Esportes). A partir disso, mudanças marcantes passam a ocorrer no esporte educacional brasileiro, como a formação de um consórcio de gestão dos jogos, que passa a ser responsável pela realização dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) em uma parceria entre Ministério do Esporte, Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Organizações Globo de Comunicação e Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU). Nas etapas estaduais, a responsabilidade é das federações esportivas em cada estado.

O esporte universitário tem evoluído nos últimos anos, sendo que nas universidades públicas federais é oferecido como projeto de extensão para a comunidade interna de estudantes dos mais variados cursos e praticado de forma mais amadora. Já as universidades privadas, têm utilizado o esporte como ferramenta de marketing, onde, muitas vezes, atletas são contratados e ganham bolsa de estudos para a graduação e pós-graduação, ou ainda fazem parceria com clubes federados.

Neste sentido, conhecer as motivações dos atletas universitários nestes diferentes cenários poderá auxiliar em ações estratégicas e pedagógicas no sentido de aproximar os interesses das instituições aos interesses dos atletas e ainda contribuir com informações que possam nortear a comissão

técnica no desenvolvimento do seu treinamento.

O estudo da motivação tem sido um dos temas mais abordados pelas teorias psicológicas. Sem dúvida, isso decorre da importância que este aspecto tem para a identificação e desvelamento das razões ou motivos do comportamento dos indivíduos.

Para La Rosa (2002, p.170), “a motivação é um processo através do qual os motivos surgem, desenvolvem-se e mobilizam comportamentos”. Pelo menos, quatro grandes sistemas psicológicos abordaram a motivação humana de formas diversas: associacionismo, cognitivismo, psicanálise e humanismo. Ainda, Weinberg e Gould (2008) afirmam que cada um de nós desenvolve uma perspectiva pessoal de como funciona a motivação, uma teoria sobre o que motiva as pessoas, portanto é provável que façamos isso partindo de uma aprendizagem do que motiva a nós mesmos e da observação do que motiva as outras pessoas.

No âmbito da Psicologia do Esporte, as primeiras investidas no estudo da motivação coincidem com a extensa derrota sofrida pelos EUA para os países da chamada “cortina de ferro” na Olimpíada de 1976, em Montreal. Este resultado, representado pelo elevado número de medalhas de ouro conquistadas, foi em parte explicado pelo evoluido conhecimento teórico e técnico de preparação psicológica que estes países possuíam.

O episódio teria sido a principal fonte da motivação que levou os psicólogos do mundo ocidental a investir fortemente na pesquisa e na intervenção em Psicologia do Esporte nos anos seguintes. Nesse movimento, situam-se as primeiras iniciativas no estudo da motivação para a prática desportiva (Williams, Straub, 1991).

Gill, Gross e Huddleston (1983) exploraram a motivação para a participação dos jovens no esporte e marcaram presença nessa história com o desenvolvimento de um instrumento de medida chamado *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ).

O instrumento foi desenvolvido em três etapas. Na primeira, foi solicitado a 750 jovens e 750 adultos que indicassem os motivos para participação em programas esportivos. Com base nas respostas destes foi gerado um questionário de 37 itens.

Na segunda, 51 jovens, de ambos os sexos, praticantes de esportes responderam

ao instrumento. Os itens ambíguos ou inadequados foram excluídos e restaram 30 itens. Na etapa final, 720 meninos e 418 meninas com idade entre 8 e 18 anos que cursavam uma escola de esportes responderam novamente ao instrumento. Os dados foram submetidos à Análise Fatorial que extraiu oito fatores motivacionais para a prática esportiva de jovens: Realização/*Status*, Espírito de Equipe, *Fitness*, Gasto de Energia, Fatores Situacionais, Desenvolvimento de Habilidades, Amizade e Diversão. Os pesquisadores não colocaram esses motivos em ordem de importância devido às muitas diferenças individuais encontradas.

O PMQ tem sido bastante utilizado por pesquisadores brasileiros nas últimas décadas por meio de uma adaptação feita por Serpa (1992) em Portugal. Nos resultados dessas pesquisas tem sido encontrados resultados, tais como, diferenças sexuais nos motivos para a prática do Futsal (Alves e colaboradores, 2007; Barroso e colaboradores, 2007; Voser e colaboradores, 2004), a comparação entre futebol e futsal feminino federados não revelou diferenças nos motivos para a prática (Cunha, Hernandez, Voser, 2004), diferenças nos motivos para a prática entre as categorias de base do futebol e futsal (Hernandez, Voser, Lykawka, 2004), excitação e desafio o motivo mais relevante para a prática de adolescentes no voleibol (Paim, 2003).

Barroso (2007) produziu evidências de validade de construto para uma adaptação brasileira do PMQ que foi denominada Escala de Motivos para a Prática Esportiva (EMPE).

Campos, Vigário e Lüdof (2011) utilizando a EMPE encontraram que os fatores que mais motivaram meninas e meninos das categorias de base para a prática do vôlei foram na ordem: aperfeiçoamento técnico, saúde e afiliação. As atletas apresentaram maiores níveis de motivação do que os atletas, excetuando para os fatores saúde e status. Apenas no motivo afiliação apareceram diferenças significativas entre as categorias, atletas mirins apresentaram níveis maiores do que as outras.

Nazário e colaboradores (2011) investigando os motivos para a prática do triatlo com a EMPE encontraram como fatores principais a saúde, condicionamento físico e técnico.

Baseado no cenário apresentado

acima e de pesquisas realizadas sobre o tema, este estudo procura responder a seguinte questão: quais os motivos que levam os estudantes universitários participantes da 35ª edição dos JUGs à prática do futsal?

Para tanto, tem-se como objetivo geral identificar os motivos que levam os estudantes universitários participantes da 35ª edição dos JUGs à prática do futsal.

A pesquisa também buscou relacionar os motivos para a prática do esporte com o sexo e a idade dos participantes.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa de corte transversal, quantitativa e descritiva (GAYA, *et al*, 2008), investigou 185 atletas das equipes de Futsal das 10 instituições que disputaram a 35ª edição dos Jogos Universitários Gaúchos ocorridos em 2014.

Destes participantes 112 atletas (60,5%) são do sexo masculino e 73 atletas (39,5%) do sexo feminino e suas idades variaram entre 17 e 35 anos.

Para aquisição dos dados relacionados aos motivos para a prática esportiva foi utilizada a *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) de Gill, Gross e Huddleston (1983), na versão Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE), adaptação brasileira feita por Barroso (2007).

A EMPE é composta por 33 itens que são distribuídos em sete fatores ou dimensões motivacionais: status, condicionamento físico, energia, contexto, técnica, afiliação e saúde. Para obter a medida foi usada uma escala que variou conforme os seguintes critérios: “nada importante” (para o nível 0), “pouco importante” (para os níveis 1, 2 e 3), “importante” (para os níveis 4, 5 e 6), “muito importante” (para os níveis 7, 8 e 9), e “totalmente importante” (para o nível 10).

Para a coleta dos dados foi feito contato com o chefe de cada delegação presente na competição, aos quais foram entregues cópias da carta de apresentação.

Antes da coleta de dados foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que fosse lido e assinado pelos atletas, ficando uma cópia com cada participante. Cada atleta foi convidado a preencher o questionário e orientado a fazê-lo individualmente, estando a pesquisadora presente para esclarecer possíveis dúvidas. A

aplicação dos questionários teve duração de dois finais de semana e foi realizada no Ginásio de Esporte do Rincão, em Novo Hamburgo/RS nos intervalos dos jogos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética – CAAE 46264415.6.0000.5347 e parecer 1.338.584.

Os dados foram digitados e analisados no SPSS, versão 20.0, com estatísticas descritivas, Coeficiente de Correlação de Pearson e Teste *t* de Student para amostras independentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das estatísticas descritivas revelaram que, tanto para os homens quanto para as mulheres o motivo para a prática esportiva com o escore médio mais elevado foi a Saúde. Para os homens a Saúde a Afiliação obtiveram o mesmo escore seguido do Condicionamento Físico, do Aperfeiçoamento Técnico, da Liberação de Energia, do Status e do Contexto.

Já as mulheres, a Saúde e o Aperfeiçoamento Técnico obtiveram o mesmo nível, seguido de Afiliação e Condicionamento Físico e, por último a Liberação de Energia, Status e Contexto, na mesma ordem que os homens (Tabela 1).

O Teste *t* de Student para amostras independentes comparou as médias de homens e mulheres nos fatores da EMPE. Não foram encontradas diferenças estatísticas significativas entre os grupos e todos os tamanhos dos efeitos (*d*) são considerados muito pequenos (Cohen, 1988), como podem ser observados na Tabela 1.

O tamanho do efeito baseado nos dados atuais estima a probabilidade de que se possam encontrar diferenças significativas entre as comparações destas populações pesquisadas. Neste caso, as probabilidades são pequenas e que não estimulam uma nova investida com aumento do tamanho da amostra.

Tabela 1 - Teste *t* de Student, médias, desvios padrão e tamanhos dos efeitos.

Fatores		n	M	DP	t	gl	p	d
Saúde	masculino	112	8,5	1,67	443	183	0,658	0,06
	feminino	73	8,4	1,77				
Afiliação	masculino	112	8,5	1,33	1.371	183	0,173	0,2
	feminino	73	8,2	1,67				
Condicionamento Físico	masculino	112	8,2	1,53	809	183	0,419	0,12
	feminino	73	8,0	1,65				
Técnica	masculino	112	8,0	1,79	-1.649	183	0,101	0,25
	feminino	73	8,4	1,42				
Energia	masculino	112	7,6	1,64	-318	183	0,751	0,06
	feminino	73	7,7	1,70				
Status	masculino	112	7,2	1,90	420	183	0,675	0,05
	feminino	73	7,1	1,98				
Contexto	masculino	112	6,6	2,05	1.063	183	0,290	0,13
	feminino	73	6,3	2,44				

Iniciando as discussões relativas aos praticantes universitários do sexo masculino do estudo hora realizado, cabe destacar a pesquisa de Medeiros (2012) que também identificou a Saúde como o fator mais importante para os homens de seu estudo, e concluí a partir disto que, de um modo geral, os universitários praticantes de futsal atribuíram maior importância ao fator motivacional Saúde, provavelmente por serem indivíduos mais esclarecidos e saberem da

importância do exercício físico para suas vidas. Em sua pesquisa ainda, apareceu fator Status como sendo menos importante, pois, acredita o mesmo, que a grande maioria dos entrevistados possivelmente não almeja a carreira esportiva e centram seus interesses nos estudos, complemento da graduação e a prática do esporte como lazer.

Em se tratando da afiliação como fator importante, Dias e colaboradores (2012) também encontraram em seu estudo este fator

como um dos mais importantes para os homens, afirmam que os atletas da sua amostra estão envolvidos na prática do Futsal pelo desejo de fazer novas amizades e pertencerem a um grupo.

Em relação às praticantes do sexo feminino, outros estudos têm resultados diferentes, pois nesta abordagem motivacional existem inúmeros instrumentos de coleta de dados, dificultando uma análise mais aprofundada.

Silva e Machinski (2010), Reis e Scotá (2008) e Voser e colaboradores (2014), por exemplo, utilizaram o PMQ e Cardoso (2012) utilizou o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (Gaya, Cardoso, 1998).

Voser e colaboradores (2014) encontraram valores significativamente mais elevados apenas nos fatores Status, Forma Física e Diversão para os atletas do sexo masculino.

Ainda nesta pesquisa, os autores relatam outra questão importante que foi levantada que é o fato de os atletas do sexo masculino serem mais recompensados financeiramente e, que em função disto, devem estar mais bem preparados fisicamente e preocupados com sua imagem e status. Acredita, ainda, que se tivessem um número maior de participantes, a tendência seria de que em todas as dimensões aparecessem diferenças estatísticas significativas entre os sexos.

Nesta mesma direção, Silva e Machinski (2010), observaram que as atletas do seu estudo obtiveram nível de motivação significativamente mais elevado que os homens apenas no fator habilidades, porém também demonstraram maior motivação, ainda que não tão significativa, nos fatores

status, equipe e amigos, e justificam as diferenças encontradas em virtude da equipe feminina ser mais nova e ter necessidade de ganhar espaço na sociedade, e estas terem mais afeto à equipe.

Para Soares e colaboradores (2010), apesar da existência de numerosos trabalhos que afirmam a inexistência de diferenças comportamentais entre os sexos, grande número de pessoas continua a acreditar em distintos de posicionamento de homens e mulheres face à vida, atitudes relacionadas com o trabalho ou com a família, motivações, comportamentos e traços de personalidade. Independência, agressividade e dominância ainda são associadas aos homens, e a sensibilidade, emocionalidade e gentileza às mulheres.

Em nossa sociedade, os garotos são elogiados por sua competitividade e agressividade e as meninas por sua submissão e charme. Em competições e eventos esportivos as diferenças entre homens e mulheres são dissipadas pelo desempenho e quebra de recordes reconfigurando a identidade feminina. A prática esportiva oferece um espaço para que as mulheres adquiram respeitabilidade e reconhecimento social, destruindo falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica (Alonso, 2003).

Por outro lado, Alves e colaboradores (2007), encontram diferenças significativas entre homens e mulheres em quase todos os fatores analisados, e concluem cogitando a possibilidade da personalidade da mulher envolvida com o desporto apresentar alguma diferença do padrão convencional, sendo, contudo, sugeridas novas investigações para comprovar esta hipótese.

Tabela 2 - Coeficiente de Correlação de Pearson entre os Motivos para a Prática do Esporte e a Idade dos Atletas.

	Status	Cond. Físico	Energia	Contexto	Técnica	Afiliação	Saúde
Idade	-0,05	0,03	0,05	-0,02	-0,06	0,04	0,08

Legenda: Todas as correlações foram a nível > 0,05.

Conforme pode ser observado na Tabela 2, não houve correlação estatística significativa entre os escores médios dos motivos para a prática do esporte e a idade dos praticantes. Não foram encontradas muitas referências sobre o assunto,

principalmente em relação à faixa etária abordada neste estudo.

Lorenzi, Voser e Hernandez (2011) em sua amostra de praticantes de futebol com idade entre 9 e 12 anos e Sá (2009) estudando crianças praticantes de futsal com

idade de 11 a 14anos, não encontraram correlações significativas entre as variáveis os motivos para a prática do esporte e a idade dos atletas.

Por outro lado, os resultados de Terra, Hernandez e Voser (2009), encontraram correlações negativas entre fatores motivacionais medidos pelo Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (Gaya; Cardoso, 1998) e a idade dos participantes.

Os resultados sugeriram que à medida que vão avançando na idade, os atletas vão se distanciando dos motivos vinculados à competição e ao alto rendimento. Contudo, deve se levar em consideração que as crianças e adolescentes desta pesquisa, com idades entre sete e 15 anos, eram alunos de uma escolinha privada de futsal.

Hernandez, Voser e Lykawka (2004) comparando atletas de futsal e futebol de diversos clubes desportivos federados mediante quatro faixas etárias (9-14, 15-16, 17-19 e >19 anos idade) encontraram diferenças significativas na motivação entre as mesmas. Os autores atribuíram às diferenças motivacionais encontradas entre as faixas etárias ao fato de que em maior ou menor grau os atletas participantes estavam sofrendo os efeitos de uma fase crucial do desenvolvimento humano: a adolescência.

CONCLUSÃO

Ao finalizar, cabe inicialmente apresentar algumas limitações que ocorreram ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. A primeira delas reside no fato de ainda haverem poucos estudos sobre motivação de praticantes de esportes universitários. Outro ponto a destacar é que estes estudos variavam os locais, sujeitos, objetivos e principalmente os instrumentos de coleta de dados, dificultando as discussões deste estudo.

Como pontos positivos, destaco a utilização nesta pesquisa de um instrumento que foi validado no Brasil e também o número de atletas universitários de Futsal que participaram dos Jogos Universitários Gaúchos e que se dispusera a participar da amostra.

Os dados demonstraram que, para os homens, os fatores saúde e afiliação e são os mais importantes e para as mulheres, os fatores saúde e aperfeiçoamento técnico

obtiveram o mesmo escore. O estudo mostra também que a comparação dos escores médios dos motivos para a prática do esporte entre os sexos e a idade dos praticantes não revelaram nenhuma diferença estatística significativa. Os resultados desta pesquisa podem contribuir com os profissionais que trabalham nos esportes universitários, dando informações para qualificar as suas práticas pedagógicas de modo a potencializar o grau de motivação desses indivíduos quanto à sua participação em programas esportivos.

É interessante que outros estudos sobre motivação no esporte sejam desenvolvidos utilizando este mesmo instrumento.

Como continuidade desta pesquisa, indica-se a aplicação em outros ambientes, como o da escola, escolinhas e em clubes de alto rendimento.

Sugere-se também adotar abordagens qualitativas, que possam permitir penetrar mais profundamente nas estruturas motivacionais destes praticantes.

REFERÊNCIAS

1-Alonso, L. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: Simões, A.C. (Org.). A mulher e esporte: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003. p.35-47.

2-Alves, C. F.; e colaboradores. A comparação da motivação para o esporte entre atletas universitários de futsal masculino e feminino. Salão de Iniciação Científica. Livro de Resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

Disponível em: <<http://lume.ufrgs.br/handle/10183/58595>> Acesso em: 18 set. 2015.

3-Barroso, M. L. C. Validação do Participation Motivation Questionnaire Adaptado para Determinar Motivos de Prática Esportiva de Adultos Jovens Brasileiros. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)-Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007, Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1711>. Acesso em: 20 ago. 2015.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 4-Barroso, M. L. C.; e colaboradores. Motivos de Prática de Esportes Coletivos Universitários em Santa Catarina. 6º Fórum Internacional de Esportes, 2007.
- 5-Borges, E. de C.; Buonicore, A. C. Memória do esporte educacional brasileiro: breve história dos Jogos Universitários e Escolares. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2007.
- 6-Campos, L. T. S.; Vigário, P. S.; Lüdorf, M. A. Fatores motivacionais de jovens atletas de vôlei. Rev. Bras. Ciênc. Esporte. Vol. 33. Núm. 2. p.303-317. 2011.
- 7-Cardoso, L. M. Fatores Motivacionais para a Prática do Futsal Feminino, numa Equipe de Rendimento SUB-17: um estudo de caso. TCC. UNESC. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/handle/1/1482/Larissa%20Mariani%20Cardoso.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 de set. 2015.
- 8-Cohen, J. Statistical power analysis for the behavioral sciences. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.
- 9-Cunha, L. J. L.; Hernandez, J. A. E.; Voser, R. C. A motivação para o esporte em atletas do sexo feminino federadas de futsal e futebol. In: salão de iniciação científica, 16. Feira de iniciação científica, 13., 2004, Porto Alegre. Livro de Resumos... Porto Alegre: UFRGS/PROPESQ, 2004. p.549. Resumo 184.
- 10-Dias, P. S.; e colaboradores. Motivação para a prática do Futsal. 2012. Disponível em: <http://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/962/1/Futsal_PONTEVEDRA.pdf> Acesso em: 08 out. 2014.
- 11-Gaya, A.; Cardoso, M. Os Fatores Motivacionais para a Prática Desportiva e suas Relações com o Sexo, Idade e Níveis de Desempenho Desportivo. Perfil. Vol. 2. p.40-52. 1988.
- 12-Gaya, A.; e colaboradores. Ciências do Movimento Humano: introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- 13-Gill, D.; Gross, J.; Huddleston, S. Participation motivation in youth sports. International Journal of Sport Psychology. Vol. 14. p.11-14. 1983.
- 14-Hernandez, J. A. E.; Voser, R. Da C.; Lykawka, M. G. A. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias do futsal e futebol. Revista Digital. Buenos Aires, Año 15. Núm. 148. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd77/motiv.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2015.
- 15-La Rosa, J. Psicologia e Educação: o significado do aprender. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- 16-Lorenzi, G.; Voser, R. C.; Hernandez, J. A. E. A motivação para a prática do futebol de crianças com idade entre 09 a 12 anos. 2011. Revista Digital. Buenos Aires, Año 16. Núm. 155. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd155/a-motivacao-para-a-pratica-do-futebol-de-criancas.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2015.
- 17-Medeiros, P. V. Motivos da prática de Futsal em Universidade pública. TCC (Graduação)-Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Centro de Desportos. Curso de Graduação em Educação Física. 54 f. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103758/TCC%20Pedro%20Medeiros.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- 18-Mezzadri, F. M. A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. Campinas. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- 19-Nazário, P. L.; e colaboradores. Motivos de prática do triatlo: um estudo com atletas de Santa Catarina. Caderno de Educação Física. Vol. 10. Núm. 19. p.55-60. 2011.
- 20-Reis, L. F. C. M.; Scotá, T. C. C. Aspectos Motivacionais no Futsal Feminino Amador de Porto Alegre. 2008. Disponível em: <<http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/aspectosmotivacionaisnofutsalfemininoamadordeportoalegre.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

21-Sá, T. A. A Motivação de Crianças entre 11 e 14 anos para a Prática do Futsal. TCC (Graduação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Curso de Educação Física. Licenciatura. 50 f. 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18903/000732694.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 20 set. 2015.

22-Serpa, S. Motivação para a Prática Desportiva. In: Sobral, F; Marques, A. (Coordenação). FACDEX - Desenvolvimento Somato-Motor e Factores de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa. Ministério da Educação. Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Direcção Geral dos Desportos. Gabinete Coordenador do Desporto Escolar. Lisboa, 1991.

23-Serpa, S. Motivação para a prática desportiva – Validação preliminar do questionário de motivação para atividades desportivas (QMAD). In: SOBRAL, F; MARQUES, A. (Coordenação), FACDEX – Desenvolvimento Somato-motor e Factores de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa. Vol 2 – Relatório parcelar Área do Grande Porto (89-97). ME., DGEBS. – D.G.D. – G.C.D.E., Lisboa, 1992.

24-Silva, D. A. P.; Machinski, P. R. Futsal Masculino e Feminino: A Comparação Motivacional no Município de Rebouças-PR. Cinergis. Vol. 11. Núm. 1. p.1-10. 2010.

25-Soares, W. D.; e colaboradores. Motivação para o futsal em atletas participantes dos Jogos do Interior de Minas – JIMI. 2010. Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, n 148, set. 2010.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd148/motivacao-para-o-futsal-em-atletas.htm>>. Acesso em: 19 set. 2015.

26-Souza, J. S. S.; Knijnik, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Rev. Bras. Educ. Fís. Esp. Vol. 21. Núm. 1. p.35-48. 2007. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/Ne_paid/mulher_invisvel.pdf>. Acesso em: 12 out. 2014.

27-Paim, M. C. C. Voleibol, que fatores motivacionais levam a sua prática. Revista Digital. Buenos Aires, Año 9; Núm. 61. 2003.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd61/volei.htm>>. Acesso em 20 abr 2015.

28-Terra, G. B.; Hernandez, J. A. E.; Voser, R. C. A motivação de crianças e adolescentes para a prática do futsal. Revista Digital, Buenos Aires, Año 13. Núm. 128. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd128/a-motivacao-de-criancas-e-adolescentes-para-a-pratica-do-futsal.htm>> Acesso 12 mar 2015>. Acesso em 20 abr 2015.

29-Voser, R. C.; Hernandez, J. A. E.; Ortiz, L. F. R.; Voser, P. E. G. A Motivação para a prática do Futsal: Comparação entre atletas federados do sexo masculino e feminino. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 6. Núm. 21. p.196-201. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/287/234>>

30-Weinberg, R. S.; Gould, D. Fundamentos da Psicologia do Esporte e Exercício. Porto Alegre: Artmed, 2008.

31-Williams, J. M.; Straub, W. F. Psicologia del Deporte: pasado, presente, futuro. In: Williams, J. M. (Org.), Psicologia Aplicada al Deporte. (pp. 30-45). Madrid: Biblioteca Nueva, 1991.

Recebido para publicação em 06/08/2016

Aceito em 06/11/2016